



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao programa Hard Talk, da British Broadcasting Corporation (BBC)

Londres - Inglaterra, 02 de junho de 2007

Jornalista: Presidente Lula, bem-vindo ao *Hard Talk*. Eu gostaria de lhe perguntar sobre a sua constante afirmação de que o Brasil não está mais preparado para agir como país humilde de terceiro mundo. O senhor tem dito isso muito claramente, mas me parece que o mundo industrializado não está pronto para ouvir a mensagem do Brasil.

Presidente: Eu penso que está. Primeiro, porque a deficiência da relação internacional do Brasil se deve à forma subordinada com que uma parte da elite brasileira, que dirigiu o País, se colocava diante do mundo. Eu aprendi, na minha vida sindical, que respeito é uma coisa importante, porque nenhum interlocutor respeita um outro interlocutor se ele não se respeita. Então, eu não quero ser melhor que ninguém, mas também não quero ser inferior a ninguém. Respeito cada país, cada presidente, mas quero ser respeitado naquilo que o meu Brasil tem de importância no mundo. Só isso.

Jornalista: O senhor pode querer respeito, mas a verdade é que em questões essenciais como, por exemplo, a sua determinação em querer a reforma do Conselho de Segurança da ONU, é claro que o senhor gostaria que o Brasil ficasse com um dos assentos permanentes do Conselho. Em outro assunto importante, como as negociações do comércio mundial, o senhor simplesmente não está conseguindo fazer valer os seus pontos de vista.



Presidente: Calma. Acordo é difícil, não é simples. Você está lidando com interesses históricos. Eu compreendo que os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança não queiram mudar, mas é preciso convencer o mundo de que não tem por que a América Latina não estar representada, não tem por que a África não estar representada, não tem por que países da importância da Índia, da Alemanha e do Japão não estejam no Conselho de Segurança. Então, nós vamos conseguir. É apenas uma questão de tempo. A segunda coisa é a OMC. Quando criamos o G-20, também era uma coisa que nós trazíamos do movimento sindical. É preciso organizar um conjunto de forças econômicas e políticas para fazer um contraponto às forças políticas já organizadas. Então, de um lado você tinha Estados Unidos e União Européia, dois blocos muito importantes e um país poderoso como os Estados Unidos, que determinavam a regra do comércio para o mundo. Criamos o G-20 e hoje é difícil ter qualquer negociação em que o G-20 não esteja presente. Eu estou otimista de que vamos conseguir um acordo.

Jornalista: Permita-me trazer ao senhor as declarações de um dos principais representantes da Índia nas negociações da OMC. Em um dos momentos mais cruciais dessas negociações, ele disse que as nações industrializadas continuam a tentar marginalizar as preocupações dos países em desenvolvimento.

Presidente: Eu acho que a nossa equipe de especialistas já esgotou o seu trabalho. Eu tenho dito a todos os líderes, de Tony Blair a Bush, de Angela Merkel a Prodi, ao presidente Chirac, que o acordo não tem mais nada de econômico, o problema agora é eminentemente político. Eu disse ao presidente Bush, em Camp David: nós vamos ter que escolher como nós queremos passar para a história. Cada um de nós será marcado por aquilo que fizemos. E eu ainda brincava com o presidente Bush: quer passar para a história apenas



com a imagem do Iraque ou quer passar para a história com a imagem de um presidente da República que reduziu os subsídios para ajudar os países mais pobres? A minha idéia do acordo é que qualquer coisa que nós fizermos precisa significar um ganho efetivo para os países mais pobres do mundo. E está claro o que cada um tem que fazer. Todos nós já temos os números no bolso do colete. Isso é que nem um jogo de pôquer. Agora, precisamos colocar as cartas na mesa, e a decisão é política.

Jornalista: Nós falamos, recentemente, com Peter Mandelson, um comissário europeu para o comércio, e ele disse que tem-se apenas de seis a oito semanas para fechar o acordo ou então todo o processo entrará em colapso. O senhor concorda com ele? Vai sair o acordo?

Presidente: Vamos chegar a um acordo. Eu estou convencido de que vamos chegar a um acordo, porque se não chegarmos a um acordo, muitos que falam em paz hoje não poderão mais falar em paz, porque é a possibilidade que nós temos de permitir que os países que foram pobres durante todo o século XX possam ser menos pobres no século XXI. E não haverá o fim do terrorismo ou fim das guerras se nós não dermos um equilíbrio econômico ao mundo dos negócios.

Jornalista: Muita gente, em toda a América Latina, quer saber como o senhor pode desenvolver uma relação tão amigável, tão próxima com o presidente Bush. O senhor mesmo acabou de citar a sua visita a Camp Davis. Como o senhor, que começou a vida como socialista, um representante dos pobres, dos trabalhadores, que ficou marcado como o pai dos pobres, uma pessoa a quem os Estados Unidos têm dado tão pouco e, apesar disso, o senhor ainda fala de sua amizade com George Bush. Por quê?



Presidente: Não é uma relação pessoal, é uma relação de Estado. E a verdade é que os Estados Unidos têm tratado o Brasil com muito respeito e o que eu posso fazer é tratá-los com muito respeito. As divergências que existem do ponto de vista ideológico entre mim e o Bush não estão colocadas na mesa de negociação. Eu disse ao presidente Bush: é preciso que neste século os Estados Unidos tenham uma política para a América Latina diferente da política que tiveram no século passado. Essa política significa criar as condições para que a América Latina se desenvolva fazendo investimentos nos países mais pobres da América Latina. Fora isso, nós correremos o risco de ter um continente ainda antiamericano.

Jornalista: Mas o senhor acredita que o presidente Bush tem sido bom para a América Latina?

Presidente: Não. Eu acho que os Estados Unidos não tiveram uma política correta para a América Latina durante o século passado. Houve intervenções militares e nós sabemos que o governo da época, dos Estados Unidos, estava por trás disso. A mudança dos Estados Unidos se dará quando não houver ingerência política e quando houver investimentos para que os países mais pobres se desenvolvam. Fora isso, as divergências vão continuar.

Jornalista: Mas agora mesmo o povo da sua região olha para os Estados Unidos e vê o país comandado pelo presidente Bush. Vê, por exemplo, que o presidente Chávez, da Venezuela, se opõe ao presidente Bush, que ele está preparado para enfrentar os Estados Unidos, e que ele, agora, representa o espírito de independência da América Latina. Talvez o senhor já tenha sido visto como representante desse mesmo espírito, mas agora o senhor não é mais visto dessa forma.



Presidente: Eu não quero combater os americanos. Eu quero apenas que os americanos respeitem a soberania do Brasil. Eu quero apenas ter uma relação, eu diria, amigável com os Estados Unidos, comercial, política, cultural.

Jornalista: Mas o senhor não corre perigo, por exemplo, quando o governo brasileiro, incluindo um de seus ministros, diz estar gravemente preocupado com as atuais políticas do presidente Chávez, na Venezuela, o senhor não corre o risco de ser visto como uma marionete dos Estados Unidos? Por exemplo: outro dia o presidente Chávez disse, num discurso, que interesses internacionais de direita, movimentos facistas, têm atacado a Venezuela de todas as partes, dos Estados Unidos e também de Brasília.

Presidente: Olha, primeiro Chávez tem suas razões para brigar com os Estados Unidos e os Estados Unidos têm suas razões para brigar com a Venezuela. O Brasil não tem nenhuma razão para brigar com os Estados Unidos e nenhuma razão para brigar com a Venezuela.

Jornalista: O senhor acredita que o presidente Chávez representa um perigo para a América Latina?

Presidente: Não, não acredito. Veja, o Chávez tem sido um parceiro do Brasil, nós temos grandes negócios na Venezuela, estamos fazendo refinarias conjuntas no Brasil, estamos fazendo refinarias conjuntas na Venezuela. Eu não acredito que o Chávez represente nenhum perigo para a América Latina.

Jornalista: Mas, espere um momento: o senhor sempre foi um presidente que se descreveu como idealista, o senhor sempre disse que desenvolvimento e democracia têm que andar juntos. E não é exatamente democracia o que se tem visto na Venezuela. O que se viu recentemente foi o fechamento do único



canal independente de TV do país, o RCTV. O que se esperaria do senhor, exatamente pelos seus princípios morais, é que criticasse o presidente Chávez.

Presidente: Deixe eu te dizer uma coisa. Primeiro, nós temos que aprender a respeitar a lógica legal de cada país, nós temos que respeitar as decisões soberanas de cada país. Eu não dou palpites nas políticas internas de nenhum país.

Jornalista: Mesmo que a democracia esteja correndo perigo?

Presidente: Você, quando é um ser humano comum, você pode dar palpite sobre tudo. Quando você vira chefe de Estado, você fala aquilo que de forma prudente é possível falar. Eu posso responsabilizar o comportamento do Brasil na sua relação interna com a imprensa, com a televisão, e no Brasil nós fazemos um esforço incomensurável para que a liberdade de imprensa seja exercida na sua plenitude. Mas, os problemas de cada país serão resolvidos por cada país. Se amanhã, aqui em Londres, tiver um problema qualquer com a BBC, eu darei a mesma resposta que eu estou dando agora, porque é um problema do povo inglês, da imprensa inglesa e do governo inglês.

Jornalista: No mínimo, o senhor está tentando evitar criticar o presidente Chávez, mas o senhor tem um problema pela frente. Hugo Chávez vem construindo alianças no continente, por exemplo, com o presidente da Bolívia, Evo Morales. Ele incentivou o presidente Morales a nacionalizar o setor energético e isso, sem dúvida, prejudicou bastante os interesses do Brasil, custou muito caro, principalmente, à Petrobras. E o senhor tem confrontado o presidente Chávez sobre o assunto. Por que o senhor tenta negar isso?

Presidente: Ele não encorajou o Morales. É importante ter claro que o Evo



Morales não era nem presidente quando o povo boliviano, num plebiscito, 92% do povo boliviano decidiu nacionalizar o gás. Então, é uma decisão soberana da Bolívia que nós, do Brasil, respeitamos. Nós temos um contrato para receber 30 milhões de metros cúbicos de gás, esse contrato está sendo cumprido. O Brasil recebe o gás e a Bolívia queria uma refinaria. Então, é um negócio comercial. A Petrobras negociou e vendeu a refinaria para a Bolívia, não tem nenhum problema.

Jornalista: O senhor está dizendo que se trata de uma negociação comercial. Com todo o respeito, nós sabemos que a Petrobras queria receber muito mais por essa refinaria. O preço do gás, para o Brasil, subiu enormemente e, agora, o senhor se encontra numa situação em que o Brasil depende da compra de 50% do gás de um país que vem sendo orientado de perto por Chávez, a quem o senhor tem criticado.

Presidente: Eu acho o seguinte: primeiro, o gás da Bolívia no Brasil custa 5 dólares o milhão de BTU. Não é tão caro como se fala. Segundo, nós temos um estado, no Brasil, em que uma empresa pagava 1 dólar o milhão de BTU. Não era possível continuar pagando. Terceiro, a primeira pessoa a quem eu perguntei sobre a refinaria foi a Petrobras, e a Petrobras me disse: “Presidente, nós estamos dispostos a vender”. Estão dispostos a vender? Então vendam, façam negócio. E foi feito. O Brasil, e isso é importante ter claro, como a maior economia do continente, como a maior população do continente, tem que ter a responsabilidade de ajudar os países mais pobres da América do Sul a se desenvolverem.

Jornalista: Então, quando integrantes do seu governo, acho que foi o Ministro das Comunicações, disse que o estilo de fazer política do presidente Hugo Chávez, na Venezuela, está sendo possivelmente estendido a outros países,



era o perigoso estilo político cubano, ele estava errado ao dizer isso?

Presidente: Eu fiz uma crítica ao meu Ministro das Comunicações: quem tem que falar da relação de Estado para Estado é o Ministério das Relações Exteriores ou é o Presidente da República. Nós não podemos permitir, e eu tenho feito questão de chamar a atenção. Na América Latina, as divergências do século XIX de vez em quando aparecem nas mesas de negociação. Você vai conversar com um país e começa a perceber que tal país teve problema com outro em 1890. Eu falei: gente, nós precisamos parar com as divergências do século XIX. Pelo amor de Deus, vamos construir as convergências do século XXI.

Jornalista: O ponto é que agora existem dois modelos distintos: o modelo Chávez e o modelo pragmático do Lula, e parece que em diversos países latino-americanos o povo está mais interessado no modelo Chávez.

Presidente: Veja, o sonho da América Latina é que todos os países cresçam economicamente, façam distribuição de renda e melhorem a vida do povo. É assim que pensa o presidente Kirchner, é assim que pensa o presidente Chávez, é assim que pensa o presidente Lula.

Jornalista: Mas provavelmente o presidente Chávez olhe para o Brasil e diga para o povo venezuelano que o modelo Lula não está funcionando, pois o senhor ainda tem praticamente metade da renda nacional nas mãos de apenas 10% da população, uma carga fiscal elevadíssima e, apesar disso, o governo não está funcionando direito, segundo a revista *The Economist*. O seu modelo de desenvolvimento para o Brasil parece não estar dando certo.

Presidente: É só olhar os números econômicos. O Brasil vive o seu melhor



momento econômico desses últimos 100 anos. Nós estamos fazendo a maior política de distribuição de renda para os pobres e a melhor política social do mundo.

Jornalista: Então, por que razão o Presidente que se diz “pai dos pobres” ainda governa um dos países mais desiguais que existe no mundo?

Presidente: Porque se eu tivesse o milagre de resolver em quatro anos os descasos de 500 anos eu não seria presidente, eu seria Deus.

Jornalista: Mas o senhor não pode culpar a história por tudo.

Presidente: Não, eu coloco.

Jornalista: O senhor não pode culpar a história pela corrupção dentro do seu próprio partido?

Presidente: Quantos anos a Inglaterra levou para chegar ao padrão que tem hoje? Quantos anos a Alemanha levou para chegar ao padrão que tem hoje? Ora, o que aconteceu no Brasil é que nunca houve uma política de transferência de renda para os pobres. No Nordeste brasileiro, que é a parte mais pobre do País, o consumo da classe pobre cresceu 38%; 90% dos sindicatos brasileiros fizeram acordos acima da inflação no ano passado. Isso significa distribuição de renda. Eu não estou culpando uma pessoa, eu estou culpando um modelo de gerenciamento do Brasil que não cuidou de fazer com que os pobres tivessem uma participação na riqueza produzida pelo País.

Jornalista: Além de taxas de crescimento e combate à pobreza, vamos falar também sobre o futuro do Planeta e o Brasil terá um importante papel no futuro



do Planeta como responsável pela floresta Amazônica. Assim mesmo, o senhor pretende usar mais e mais terras no plantio de cana-de-açúcar com vistas à produção de biocombustíveis. O senhor acha isso correto?

Presidente: Deixa eu dizer uma coisa com muita sinceridade e com muita objetividade. Se você pegar o que existia de floresta no mundo há 8 mil anos, há 2 mil anos, o Brasil ainda tem 68% das suas florestas, a Europa só tem 0,3%. Segundo, não tentem jogar a culpa em cima dos países pobres e em desenvolvimento pela responsabilidade da poluição do Planeta. A poluição do Planeta tem 65% de responsabilidade dos países desenvolvidos. Então, os poluidores são aqueles que praticam a emissão de gases. Nós, no Brasil, em dois anos diminuimos 50% do desmatamento.

Jornalista: Mas senhor Presidente, o senhor quer que se pague pelos custos de conservação da floresta Amazônica?

Presidente: Queremos conservar a floresta Amazônica e acho que todo mundo que tem floresta tem que tentar conservar. Os países ricos precisam pagar, porque na Amazônia moram 22 milhões de habitantes e eles querem ter acesso à televisão, à geladeira, ao emprego, eles não querem ficar segregados na Amazônia. Então, os países ricos precisam pagar para que os países pobres evitem o desmatamento, para que eles possam adotar o modelo de desenvolvimento limpo, não-poluidor e de não emissão de gás. E é isso que nós vamos discutir no G-8.

Jornalista: Mas, nesse contexto, o seu plano de aumentar a produção de álcool em 40% nos próximos 3 anos, chegando aos 26 bilhões de litros, não faz sentido. O senhor vai transformar terras cultiváveis em lavoura que não produz alimentos. Isso vai aumentar a pressão para a destruição da floresta, pois os



agricultores terão que continuar com a produção de alimentos.

Presidente: Eu sou obrigado a convidá-lo a conhecer o Brasil. Primeiro, eu vou dar um número. O Brasil tem 440 milhões de hectares de terras para a agricultura, desses a cana utiliza apenas 1%, a soja utiliza 4%, e o gado, o pasto, utiliza 29%. Isso significa que o nosso problema não é terra e muito menos invadir a Amazônia, porque a Amazônia não é área que serve para produzir cana. O que nós estamos dizendo ao mundo é que o Brasil não quer ser o único plantador de cana ou de biodiesel, não. O que nós estamos dizendo aos países ricos é que eles comecem a ajudar os países africanos a produzir um pouco de biodiesel e de etanol para gerar empregos na África, para gerar riqueza. Porque daqui a 20 anos a África vai ter 1 bilhão e 300 milhões de habitantes e aquela gente precisa comer.

Jornalista: E o senhor disse que vai a reunião do G-8 para levantar exatamente esses pontos. O senhor acredita que os líderes dos países ricos do G-8 estão preparados para ouvir a mensagem poderosa que o senhor está me passando aqui, agora?

Presidente: Veja, eu tenho conversado isso pessoalmente com cada um deles. De dezembro para cá...

Jornalista: Muita gente diz que eles ainda não mudaram as suas políticas depois de conversar com o senhor?

Presidente: Mas vão mudar. Sabe o que acontece? É que numa mesa de negociação as coisas são mais difíceis, as pessoas têm problemas eleitorais, a cada ano que tem uma eleição num país e aquele presidente não quer tomar nenhuma atitude porque tem medo de perder as eleições, eu compreendo. A



única coisa que eu tenho certeza é que eu tenho mais quatro anos de mandato. E nesses quatro anos de mandato eu vou batalhar para que nós, os dirigentes políticos, sejamos mais incisivos nas nossas decisões, sobretudo cumprir os protocolos internacionais que assinamos, sobretudo isso.

Jornalista: Presidente Lula, muito obrigado por participar do Hard Talk.

Presidente: Obrigado a você.